

## A VISÃO DOS ALUNOS ADOLESCENTES MASCULINOS A RESPEITO DA PRESENÇA MASCULINA NO AMBIENTE ESCOLAR

### THE MALE ADOLESCENT STUDENT'S VISION REGARDING THE MALE PRESENCE IN THE SCHOOL DAILY LIFE

Victor José Caglioni <sup>1</sup>

#### RESUMO

O presente artigo analisa sucintamente a questão da visão dos alunos adolescentes masculinos para com seus professores também masculinos, abordamos as questões sobre a feminilização do professorado, assim como a temática da questão financeira como sendo a premissa do afastamento dos homens do magistério. Assim como a história da instituição escolar a fim de apontar o porquê da feminilização se tornar algo tão forte na realidade das escolas contemporâneas. Entrevistamos (baseados na metodologia de González Rey, que possibilita maior liberdade nas entrevistas) professores, homens e mulheres, e alunos adolescentes da rede pública do Estado de Santa Catarina, numa escola do município de Blumenau. Ao analisarmos suas falas, ficou visível que, ao se referirem aos docentes, a postura que cada um deles assume perante os alunos é indicador pleno para se pensar a forma com que estes vêem seus professores e que existem pequenas diferenças na forma do aluno de vislumbrar a figura do masculino na sala de aula, positiva e negativamente, mas que segue um discurso favorável aos professores homens.

**PALAVRAS-CHAVE:** Professores. Alunos. Escola. Gênero. Masculino. Imagem.

#### ABSTRACT

*The present article briefly analyzes the subject of the male adolescent students' vision of their also male teachers, we approached the subjects on the feminization issues, as well the theme of the financial subject as being the premise of men's removal from teaching. Also, the history of the school institution in order to point the reason why feminization has become something so strong in the reality of the contemporary schools. We interviewed (based on González Rey's methodology, that makes possible larger freedom in the interviews) teachers, both men and women, and adolescent students from public school system of Santa Catarina state, at a school of the district of Blumenau. Analyzing their speeches, it was visible that regarding the teachers, the position that each one of them takes in front of students is a full indicator to think about those same students see their teachers and that there are small differences in the way the student sees the male figure in the classroom, positive and negative, but following a favorable speech of men teachers.*

**KEYWORDS:** Teachers. Students. School. Gender. Male. Image.

<sup>1</sup> Mestre em Sociología de la Cultura y Análisis Cultural – Instituto de Altos Estudios Sociales – Universidad Nacional General San Martín. Buenos Aires. Argentina. MBA Gestão de equipes e projetos e-learning Instituto Brasileiro de Desenho Instrucional, Pós-graduado em Pedagogia de las Diferencias pela Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais (FLACSO), pós-graduado em Gestão Ead pela Uniasselvi. Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Regional de Blumenau. SC.



Este trabalho faz referência ao cotidiano da vida escolar e tem por objetivo investigar a condição masculina no exercício da docência à luz dos alunos adolescentes masculinos de uma escola de Blumenau, da rede estadual de Santa Catarina, por razões éticas e a pedido do grupo escolar não mencionaremos o nome da unidade escolar. O perfil da escola é o de escola pública, de gestão estadual, referência local, como uma excelente escola pela estrutura física, organização e limpeza.

As entrevistas aconteceram durante três dias letivos, na unidade escolar, com autorização dos gestores e educadores, na última semana do mês de outubro de 2017. Contou com especial apoio da professora de sociologia e filosofia mestre Lindair Maria Lanz Schneider.

Ao analisar as condições de trabalho dos professores e a questão social em torno desta profissão, que inúmeros estudos já apontaram estar envolvida numa visão de uma profissão feminina, a pesquisa pretende refletir sobre qual é a visão dos alunos adolescentes masculinos a respeito da presença masculina no ambiente escolar.

Neste texto, apresentamos brevemente as concepções dos adolescentes a respeito de seus educadores homens e dos próprios professores homens e também mulheres, estes últimos foram entrevistados na medida em que entendemos que o olhar dirigido e o discurso implantado na escola dos professores para com eles mesmos influencia no que os adolescentes possam revelar na visão de seus educadores.

O presente artigo foi elaborado baseado na metodologia de González Rey (2002) que possibilita uma mobilidade entre o

entrevistado e o entrevistador, a fim de formar um conhecimento reflexivo sobre a realidade dos discursos, a ponto deste ser revelado numa continuidade como numa conversa simples que revela os sentimentos e o que se pensa daquilo que é conversado:

[...] o qual o problema não precisa vir em forma de pergunta que deve ser respondida, visto que este modelo de pesquisa deve ser encaminhado de forma a permanecer em constante produção de conhecimento. Para isto, os resultados podem aparecer parcialmente, permitindo a reelaboração ou criação de novas perguntas, abrindo espaços para novos espaços de produção de conhecimento ou instrumento de pesquisa. Através dessa dinâmica, o problema tende a se subdividir em infinitos eixos de pesquisa, se complexificando e conduzindo a novas zonas de sentido, que eram inimagináveis no início da pesquisa (GONZALÉZ REY, 2002).

O texto é pensado sobre diferentes perspectivas e, segundo a metodologia proposta, enfatiza o discurso obtido nas entrevistas atreladas às reflexões provenientes de contribuições de estudiosos (as) de temáticas de gênero e educação.

Na pesquisa de campo, foram entrevistados dezoito alunos adolescentes masculinos e quatro professores (duas mulheres e dois homens) do terceiro ano de uma escola da rede estadual do município de Blumenau (por solicitação dos dirigentes da



instituição não vamos relatar o nome da mesma, porém informamos que a escola se localiza na região central do município e tem sua base composta de alunos de diversos bairros).

### Como chegamos a essa realidade?

É importante iniciarmos esta reflexão nos remetendo brevemente sobre os fatores históricos que resultaram no cotidiano atual.

A escola tal como a conhecemos teve seu surgimento ainda no Império Grego, tempo em que eram os homens os únicos a terem acesso à escola e conseqüentemente a serem os mestres (vale lembrar a todos que as mulheres neste contexto eram minimamente valorizadas pela sociedade, fato que hoje está em processo de reversão).

Recordamos os dois modelos que imperaram neste tempo, o espartano, que cultuava o corpo estava ligado aos exércitos, e o ateniense, que cultuava a fala (oratória), ligado aos aspectos intelectuais; em ambos a história nos revela que os homens eram membros únicos do exercício da cidadania, portanto com direitos e deveres que incluíam o aprender algo de alguém. Hoje nossas escolas estão estruturadas de forma mais distinta, no entanto seguem a mesma lógica, em que se pretende cultuar tanto o corpo quanto a mente, embora estas pretensões se perdem no processo, que em busca de um ideal de corpo e de pensamento, define critérios que são usados de forma classificatória.

O ressurgimento da escola da forma moderna, como nos lembra Philippe Áriès (1981) em sua obra "História Social da Criança e da Família", ocorreu especialmente

ao redor de Paris (possibilitada pela criação da prensa tipográfica e da possibilidade de registrar o conhecimento humano e distribuí-lo, o que fez do letramento uma necessidade cada vez maior) para o exercício e a criação do cidadão republicano.

A escola era organizada praticamente pelas figuras do professor e dos alunos, numa sala alugada geralmente pelo próprio professor, a fim de repassar os conhecimentos humanos para os mais novos, visto ser esta a necessidade e o pressuposto da educação, segundo Hannah Arendt (1979). Neste tempo os professores eram praticamente todos homens, assim como os alunos que eram de inúmeras idades.

O clero esteve ligado diretamente a esse novo "ressurgimento" da escola, numa junção do estado com a igreja, deu-se início a uma segregação cada vez maior, separando meninas e meninos, adultos e crianças, professores por áreas etc... Processo este que esteve ligado à forma de pensar positivista da produção e circulação do conhecimento humano, fato que persiste fortemente ainda hoje no cotidiano escolar, como uma tentativa desesperadora de manter o ideal de infância vivo.

Estes processos estiveram e permanecem fortalecidos em idéias moralistas e elitistas de perpetuação da cultura, sob a ótica do cidadão republicano e da propagação dos ideais burgueses:

Sabemos que se originou das visões reformadoras de uma elite de pensadores e moralistas que ocupavam funções eclesiásticas ou governamentais. A criança bem-educada seria preservada das



rudezas e da imoralidade, que se tornariam traços específicos das camadas populares e dos moleques.

Os hábitos das classes dirigentes do século XIV foram impostos às crianças de início recalcitrantes por precursores que os pensavam como conceitos, mas ainda não os viviam concretamente. Esses hábitos no princípio formam hábitos infantis, os hábitos das crianças bem dedicadas, antes de se tornarem os hábitos da elite do século XIX, e pouco a pouco, do homem moderno, qualquer que seja sua condição social (ÁRIES, 1981. p.185).

Estes moralistas e eclesiásticos, majoritariamente homens (não negamos a presença feminina neste processo, mas, lembramos que ela era sujeitada a ordem masculina), visavam manter o lugar que se espera dos indivíduos na sociedade, como bem nos lembra Maria Rita Kehl (2002) “a tradição, de certa forma, situa as pessoas na sociedade em que vivem, explicitando o que é esperado de cada um com base no lugar que ocupam desde o nascimento” (KEHL, 2000. p 54).

No entanto, com a ascensão da era Industrial, as mulheres ingressaram de forma maciça no mercado de trabalho como forma complementar de renda, ou mesmo para que a família tivesse o mínimo para sobrevivência, o que inviabilizou as mesmas de estarem a todo o momento com seus filhos, momento este em que o Estado assume a responsabilidade pelos filhos da classe trabalhadora; futura mão de obra; com a ampliação da escola e com a mudança no

foco das creches que até então atendiam crianças órfãs e a partir daí passaram a atender a todas as crianças. A creche se torna uma forma do Estado de intervenção na vida privada e desde seu início veio para “ocupar o lugar faltante da mãe” como nos lembra Michele Kamers (2004):

[...] a creche passa a ocupar o lugar de uma falta instaurada no cerne da família, visando tanto tamponar a ausência real da mãe, como suprir a ausência de condições econômicas higiênicas adequadas, inclusive relativas a uma moral civilizadora ideal. A creche se transforma, assim, num mecanismo de controle por parte do Estado e da sociedade, seguindo a mesma lógica do que anteriormente designamos como um discurso dos especialistas: uma falta deve ser obturada com um saber especializado (KAMERS, 2004. p.41).

Com o advento das mulheres no mercado de trabalho e simultaneamente com a ampliação do Estado pelas creches e escolas, foram as mulheres que passaram a ocupar a função de “cuidar das crianças”, neste cenário o foco escolar para com as séries iniciais mudou, atrelado às ideias moralistas burguesas da creche, focado como lugar para atender essa necessidade da falta da mãe, o que resultou na criação de um imaginário escolar atribuído à paciência, submissão (características que eram destinadas as mulheres) além de baixíssimos salários que revelam ainda mais esta questão de desvalorização do feminino pela sociedade.



Essa situação fez por ressignificar o olhar dirigido aos educadores, algo como uma proclamação, uma chamada a assumir as responsabilidades da tarefa de educar as crianças por parte das mulheres, pelo fato destas serem biologicamente ligadas às crianças desde o nascimento; ideias que fazem do magistério uma profissão vista aos olhos da sociedade como preferencialmente feminina, como relata Arce (1997):

Não só o magistério é exercido por mulheres, mas ao exercerem o cargo, tem no sentido de maternidade sua principal linha de ação. Além disso, missão/apostolado de que se reveste a docência, sobretudo quando exercida pelas mulheres, imprime também esse papel, uma filiação e uma maternidade simbólica, que encontram no magistério o lugar ideal de realização ou o lugar de realização ideal (ARCE, 1997. p. 27)

Uma das causas proclamadas por inúmeros estudiosos e pelo próprio senso comum sobre o afastamento dos homens da docência é a afirmação dos baixos salários, fato que nos parece ser questionável, pois pensamos ser algo maior que pura e simplesmente financeiro, assim como argumentamos até o momento, nos parece ser algo cultural, de uma estrutura histórica muito das questões de interesse material, compartilhamos com brilhante menção Novaes (1984) a este respeito:

Não é só pelo problema financeiro, da baixa remuneração que os homens não buscam o Magistério.

Vejo mais como um preconceito, um estereótipo social. Existem homens trabalhando no setor de serviços, às vezes portadores de escolaridade de segundo grau, trabalhando no comércio ou em escritórios que, considerando sua jornada de trabalho, têm salário inferior ao das professoras. Não é que eu considere o salário das professoras alto, não há como pensar assim. O problema é que parece que os homens não buscam o magistério por que tradicionalmente, essa é uma profissão vista como feminina, 'Lidar com criança é serviço de mulher', em casa e na escola. É assim que pensam, na nossa sociedade, não só os homens, mas, o que é pior, as próprias mulheres (NOVAES, 1984. p.96).

Durante nossa pesquisa de campo questionamos alguns alunos e professores a respeito dessa diferença proporcional entre professores homens e mulheres: e fazem jus as respostas dos alunos C (17 anos):

*"Ah porque é mais fácil pra professoras, desde pequenos temos professoras, nunca vi um professor na primeira série."*

E do aluno A (19 anos):

*"Não vejo diferença, é que até a oitava eu quase só tinha aula com professor de educação física, tinha num ano professor de história, e numa vez tinha um de ciências, mas senão eram quase sempre professoras."*

Então perguntamos por que ele achava que isso acontecia, e ele:



*“Ah não sei cara, acho que tem tanta coisa legal pra fazer, e aí os caras caem fora.”*

A mesma pergunta foi feita para os professores, todos fizeram menção ao fato das mulheres terem mais facilidade de educar e que talvez seja uma questão de formação superior. Descrevemos aqui a resposta do professor “E”:

*“Penso que as mulheres em geral têm mais paciência, e elas sempre procuram mais as licenciaturas, talvez por que isso já é cultural aqui no nosso país, os homens tem profissões que exigem outras qualidades.”*

Nos parece explícito, portanto, que existe uma visão histórica – social maior para justificar o olhar de profissão feminina da docência, na atualidade.

A partir destas reflexões buscamos reconhecer a visão dos adolescentes masculinos sobre seus professores masculinos, a fim de traçar parâmetros dessas diferenças de gênero no ambiente escolar.

### **A visão dos alunos**

O primeiro questionamento relacionado diretamente à questão da visão dos adolescentes sobre seus professores homens (após um breve diálogo a respeito da escola e do local em que moravam etc..., com o intuito de amenizar os impactos das questões que realmente interessavam) foi a seguinte: *“Você tem aula com professores homens?”* mediante a confirmação positiva, algumas chamaram mais atenção, pois os alunos fizeram menção a um professor específico, professor de artes, a fala do jovem C (17 anos) explicita bem as situações:

*“Professores homens têm, mas tem um que não é, ele é viado.”*

Podemos constatar posteriormente conversando com o professor de artes, que tal fala faz referência ao fato de ele ser casado com outro homem e assumir isto publicamente.

É interessante analisarmos que a pergunta era se eles tinham professores homens, referindo-se ao sexo, a condição de homem, e não sobre a sexualidade de ninguém.

Fica claro a exclusão por parte desses alunos de imediato em suas falas, do referido professor do grupo dos homens, mesmo que ele seja um homem, para esta reflexão questionamos alguns deles sobre, se referido professor não é homem, então seria mulher? A resposta que mais exprime no geral o que foi dito é do aluno M (19 anos):

*“Na verdade, um homem de verdade, não é assim, ele rebola mais que as garotas, quando anda, até brabo ele é igual às professoras, grita feito uma <sup>1</sup>”.*

Esta frase além de polêmica pode nos revelar uma questão muito interessante a respeito de algo ainda muito vivo no ambiente escolar; que se trata da reprodução sexista, de uma cultura heterossexual, ligada diretamente às questões de gênero.

Dos dezoitos entrevistados, onze não fizeram menção ao professor referido, mas entre os professores todos fizeram menção ao colega de profissão.

A fala de uma professora (estamos sim nos referindo a uma mulher) nos serve de ilustração do moralismo ligado à educação sexista que impera na escola. Ao ser

<sup>1</sup> Por se tratar de uma ofensa, com teor constrangedor, evitamos colocar a palavra usada pelo adolescente.



questionada como costuma lidar com as expressões da masculinidade de seus alunos no cotidiano de suas aulas, obtivemos a seguinte resposta:

*“Sempre tem aqueles mais exaltados, que exercem sobre os demais uma espécie de reinado, são populares e ficam com mais garotas e elas sempre gostam mais deles, mas sempre cuidamos ao conversar com ele. Eu nunca tive problemas, precisamos ser exemplo, sou mulher e eles precisam saber o que as mulheres esperam de um homem, eles têm exemplos não muito adequados mesmo aqui dentro, professores e outros alunos, que não exercem a sexualidade de forma saudável, então fica difícil ensinar alguma coisa, ainda mais com essa falta de respeito que tem hoje, então tem coisas que é normal pros garotos e deixamos, faz parte de crescer dos garotos e outras coisas devemos orientá-los melhor, fazemos o possível.”(“L”)*

Mediante estas afirmativas questionamos como seria a melhor orientação, para os adolescentes:

*“É dizer a eles o que é natural, mostrar o que é ser um bom homem, que na escola tem coisas que não devem acontecer.”(“L”)*

Que tipo de coisas não deve acontecer?

*“Ah todos sabemos que brigas, namoricos, beijos, alguns alunos se superam, falam mais do que precisam, usam brinco, tem um caso de um que fica se insinuando pros demais, ai eles tiram com a cara dele, e nós é que temos que evitar os conflitos, que às vezes são inevitáveis, mas enfim sempre tem aquele que não sabe se por, e aquele que só espera para poder ter um motivo de briga.”(“L”)*

Que tipo de insinuações você se refere?

*“Provocação, o rapaz é homossexual, mas não entende que não pode dar em cima dos outros rapazes, então às vezes eles brigam, este tipo de coisas precisa ser evitada, se já é complicado com meninas imagine entre meninos, vira uma bagunça.”(“L”)*

Guacira Lopes Louro (1999) já fez uma análise neste sentido que nos faz pensar como a escola está estruturada de forma a sempre fazer jus em suas decisões moralistas em nome de um ideal de homem, mesmo em nossos tempos ainda existe muito conservadorismo nas questões de gênero no ambiente escolar:

Com a cautela que deve cercar todas as afirmações pretensamente gerais, é possível dizer que a masculinidade forjada nessa instituição particular almejava um homem controlado, capaz de evitar “explosões” ou manifestações impulsivas e arrebatadas. O Homem ‘de verdade’, nesse caso, deveria ser ponderado, provavelmente contido na expressão de seus sentimentos. Consequentemente, podemos supor que a expressão de emoções e o arrebatamento seriam considerados, em contraponto características femininas (LOURO, 1999, p.22)

Aqui colocamos um trecho da fala do professor de artes quando perguntei o que ele percebia, nos adolescentes homens sobre a manifestação de seus sentimentos para com seus professores também homens; ele



visivelmente empolgado com as perguntas da pesquisa nos declarou:

*“Sinceramente, eles só disfarçam, ficam segurando as emoções, eu mesmo quando fiz um teatro com uma turma do terceiro, eles amaram, todos se empenharam, mas eu era o professor e porque eu sou assumido não quiseram sair na foto que foi para o jornal, nem os professores, senti isso deles, mas depois na sala toda a turma, inclusive eles falaram que adoraram o trabalho e que eu era um ótimo professor, e aí fui eu quem disse que eles que eram ótimos, porque é verdade, eles sabem ser bons quando ficam a fim de fazer alguma coisa.”(Professor F- Artes)*

Podemos nos referir a mais um pensamento Louro (1999):

A homofobia funciona como mais um importante obstáculo à expressão de intimidade entre os homens. É preciso ser cauteloso e manter a camaradagem dentro de seus limites, empregando apenas gestos e comportamentos autorizados para o ‘macho’ (LOURO, 1999. p.28)

Então perguntei ao professor o que ele pensava a respeito da visão dos alunos para com ele, se ele sentia alguma coisa diferente.

*“Ah sempre existe, em todo lugar que você vai, vai ter aquele que não vai gostar de ti, mas aqui parece às vezes que as pessoas fingem, e sabe o que mais, sinceramente é mais entre o pessoal da escola, que dos alunos, tenho um monte de alunos que namoram meninas e tudo e somos*

*amigos no Orkut, tenho MSN deles e tudo mais. Nos damos bem, é claro que é mais fácil com as meninas. Só que a grande dificuldade de acabar com esses preconceitos está nos mais velhos, é bem mais fácil convencer os jovens, deles eu tenho mais carinho.”*

(Professor F – Artes)

Esta fala foi trazida ao trabalho por que entendemos que muito do que possa ser perpetuado entre os alunos, pela instituição (então pelas pessoas que fazem parte dela) sirva como discurso para com os próprios alunos, neste caso é nítido que a escola mantém uma postura conservadora no que se refere ao masculino, e orienta-se sempre num ideal de homem, como menciona Louro (2003):

Além disso, tão ou mais importante do que escutar o que é *dito* sobre os sujeitos, parece ser perceber o *não dito*, aquilo que é silenciado – os sujeitos que *não são*, seja porque não podem ser associados aos atributos desejados, seja porque não podem existir por não poderem ser nomeados.

Provavelmente nada é mais exemplar disso do que o ocultamento ou a negação dos/as homossexuais – e da homossexualidade – pela escola. Ao não se falar a respeito deles e delas, talvez se pretenda eliminá-los/as”, ou, pelo menos, se pretenda evitar que os alunos e as alunas ‘normais’ os/as conheçam e possam desejá-los/as. (LOURO, 2003, p.68).

Outro momento que podemos perceber essa questão sutilmente foi nas



respostas obtidas da pergunta: “O que você sente em relação aos seus professores homens?”

De maneira geral a maioria dos alunos fez menções de características sociais de seus professores e se sentiram nitidamente envergonhados em falar dos seus professores, para um estranho, mesmo que o tenham feito às vezes com delongas, na nossa visão trouxeram muitas questões pertinentes. Esta situação de vergonha de expor os sentimentos e os pensamentos estão enraizados em nosso sistema escolar, assim como na nossa cultura nos relata Corneau (1995):

[...] os homens não aprenderam a falar do que sentem. Não temos palavras para traduzir nosso mal-estar, nosso sofrimento, temos muita vergonha de falar sobre o que sentimos (CORNEUAU, 1995, p.51)

Mesmo envergonhados conseguimos alguns depoimentos que merecem destaque como o do jovem W (18 anos):

*“Eles são legais, que nem o professor E” de filosofia, ele é meio maluco, mas deixa a gente falar das coisas da nossa vida, ele tem nosso respeito, até fazemos bagunça na aula dele, mas ele é tranquilo quando percebemos baixamos a bola”*

Ou ainda no relato de R (17 anos):

*“São pessoas boas, eles até brincam com a gente, sabem que se ficarem só explicando coisas, a gente não presta atenção, como o professor de filosofia ele fala umas coisas locas, mas sabe que nós também*

*pensamos e sempre faz graça das coisas com a gente. E o professor de matemática ele é sério, mas às vezes no meio da aula ele para e conta uma piada, é muito mais legal, a gente até espera pra ver qual vai ser a piada da aula, (risos). E tem o “F”, ele não para de falar, parece uma matraca, fala mais que a gente, mas tem umas idéias legais.”*

O aluno A (17 anos) chamou atenção a um fator durante a entrevista, quando mencionou o professor de matemática:

*“Eu gosto deles, (os professores) o “G” de matemática é o mais brabo, mas também é massa”.*

Questionamos o porquê ele achava o professor de matemática mais brabo:

*“Não é que ele é mais brabo, é que geralmente as professoras são mais chatas e ele é um pouco sério demais, ele é um pouco como a dona “V” e a psora “C”, são brabos dão mais esporro.”*

NÓS: Por que você acha isso dele?

*“Ah sei lá, ninguém gosta de matemática, e ele tem que explicar, então às vezes nós fazemos bagunça, e aí ele fica nervoso, mas nós respeita ele.”*

Respeitam por quê?

*“Ah não sei, deve ser porque o cara é um armário, tem quase dois metros e faz umas caras meio bad boy.”*

NÓS: Então é por que ele é forte e vocês respeitam os outros professores homens?

*“Ah sim né, nos não avacalhamos, aqui na escola é tranquilo, tem escola que é diferente, só que eles não são tão grandes.”*

NÓS: E com as professoras, vocês respeitam da mesma forma?



*“Ah não sei, eu respeito, mas a maioria não, depende muito. Como a dona “V”, ela nunca cumprimenta ninguém, sempre tem gente que dá de frente com ela, responde e tudo mais, só que é por que ela é muito chata.”*

NÓS: E as demais professoras?

*“Nois respeitamos, às vezes tem gente que nunca faz nada nas aulas, aí quando elas falam alguma coisa, ficam reclamando das delas, mas é tranqüilo, sabe como é, tem coisas que é chato fazer, então o povo prefere fazer coisas mais da hora.”*

NÓS: Então vocês respeitam mais os professores homens que as mulheres?

*“Não acho, cara. Depende do cara, ou da psora.”*

Fica evidente aqui que as questões de gênero em si, enquanto diferencial ao que se refere ao respeito por parte dos alunos está mais ligada à postura a ser adotada. Neste momento fazemos menção a fala de alguns alunos quanto a pergunta: “Existe alguma diferença no jeito de falar dos professores homens e das professoras mulheres?”. O aluno K (18 anos) nos narrou:

*“Ah, os professores conversam mais com a gente, parecem mais amigos, alguns nem tanto, só que as professoras querem que nós seja uns santinhos, só a psora “M” que mais susie”<sup>2</sup>.*

O aluno J (17 anos) falou:

*“Ah tem sim eles são mais calmos, tem o psor “G” que é mais brabo, mas nem tem o que dizer as psoras são muito mais estressadas, sempre tão reclamando de alguma coisa.”*

A respeito disso, ao entrevistarmos os professores perguntei-os o que pensavam sobre seus papéis na escola? E interessantemente as respostas nos trouxeram à tona uma questão muito perspicaz; como na resposta obtida pelo professor “E” (filosofia):

*“Eu busco tentar apresentar alguma coisa boa na vida deles, alguma coisa que os filósofos nos deixaram de bom, porque eles tem tantos problemas, alguns usam drogas, outros são desempregados, vivem à beira do rio, do nosso grande rio Itajaí, perderam tudo em novembro, então o que eu posso fazer, só exigir, não consigo nada deles assim, banco às vezes o papel de pai, porque muitos deles não têm um pai de verdade, que os oriente, é uma tristeza, saber de tudo que se passa na vida deles.”*

Em contraponto a esta mesma resposta obtivemos a seguinte resposta da professora “L”:

*“Eu ensino, precisamos mostrar que o mundo não é um mundo de maravilhas, que eles precisam assumir responsabilidades, pois o mundo não vai aceitar as desculpas que dão aqui na escola, pra não fazerem as coisas, o mundo vai destróçá-los em um segundo se eles persistirem em serem infantis. Acho que o papel do professor deve ser o de apontar o caminho para viver na sociedade, eles precisam saber das coisas que ensinamos, eu faço meu papel, eles precisam fazer o deles, se não o mundo não funciona.”*

Esta questão da função dos professores e o que eles devem ou não fazer perante esse social que proclama que se assuma um lugar diferente do proposto pela estrutura da escola, é sem dúvida uma das coisas mais polêmicas no ambiente escolar e

<sup>2</sup> “M” é professora de biologia, e Susie é uma expressão que relataria algo como tranqüilo, mais fácil etc...



seguindo a lógica de que se trata de inversão, onde o público invade o privado e o privado se torna público, fazemos referência ao pensador Philippe Julien (2000):

O século XX pensa antes que essa relação não pode ser deixada ao arbítrio da mãe, nem do pai. Em nome do bem do filho, vem então tomar lugar, sob figuras diversas, um *terceiro* social: o professor, a pediatra, a psicóloga, a assistente social, o juiz de menores, o juiz de varas de família. Segundo os casos, este terceiro é chamado para ajuda, ou inverso, se introduz por si mesmo para a salvaguarda da criança ou do adolescente, o que cria até conflito entre os professores: uns querem perpetuar a imagem antiga daquele que transmite exclusivamente um saber e sua crítica, outros aceitam responder à demanda social pondo-se a serviço do aluno para ajudá-lo a resolver seu mal estar pessoal (JULIEN, 2000, p. 15).

É interessante colocarmos esta situação à tona, porque a posição em que se coloca o professor na escola influencia na visão que os alunos têm de seus professores, e claro neste caso conforme Julien (2000) nos coloca, percebemos que existem professores divididos em seus papéis na escola, mas que quase sempre eles assumem a responsabilidade sobre os adolescentes quase como na figura de pai ou mãe, mesmo que não da forma mais convencional, é interessante percebermos que a professora, mesmo tendo ótima intenção e excelente argumentação sobre seu papel na escola, no

discurso dos alunos a mesma não é tão bem referida em comparação ao professor que pensa voltado para a vida pessoal de cada um dos adolescentes, assumindo uma postura escolanovista.

É importante destacarmos que não estamos aqui fazendo apologia a correntes de pensamento da pedagogia moderna ou clássica, estamos apenas relatando um fato percebível nos discursos dos adolescentes, se estes “métodos pedagógicos” funcionam ou qual deles é mais adequado não cabe discutirmos neste artigo.

Numa das questões relacionadas aos alunos sobre como percebiam essas diferenças entre eles e seus professores, a menção de um jovem tímido e de poucas falas, nos intriga pelo relato consciente de um fato pouco percebível pela maioria das pessoas, talvez ele tenha pensado isso de forma restrita, mas o fato é que ele nos remeteu a seguinte fala:

*“Tem alguns, que não tem muita diferença mesmo, falam como nós, tem professor que se veste igual meu irmão que é esquetista fala como nós, não vejo muita diferença entre nós e os professores, até as professoras fazem isso, elas exigem de nós uniforme, mas se vestem como se fossem as gurias.” (“P” - 17 anos).*

De forma muito direta este adolescente, com expressões mais sérias levantou a questão para nossa pesquisa fazer referência ao pensador Contardo Calligaris (2000) em sua brilhante obra “A Adolescência”, e sua reflexão acerca dessas situações contemporâneas:

Verifica-se então o paradoxo seguinte: a adolescência, excluída da vida adulta,



rejeitada num limbo, acaba interpretando e encenando o catálogo dos sonhos adultos, com maior ou menor sucesso. Mas através de todas as suas variantes, ela sempre encarna o maior sonho de nossa cultura, o sonho de liberdade.

Se a adolescência encena um ideal cultural básico, é compreensível que ela se transforme num estilo que é *cool* para todos (CALLIGARIS, 2000, p.57).

Neste contexto pensamos; se a adolescência se tornou um sonho para sociedade dos adultos e os professores compartilham desta sociedade de adultos, então fica a nítida idéia de que os adolescentes narram com mais entusiasmos os professores homens, que neste caso se assemelham mais com eles próprios, não existe um conflito de geração que formalmente costuma acontecer entre os adultos e os adolescentes, neste caso todos os professores que assumem uma postura mais de maior "proximidade" são bem vistos, lembrem que o professor de matemática, mesmo tendo a postura de contar piadas no meio da aula, encarna a tradição em sua seriedade, e é considerado mais brabo, mas mesmo assim também podemos lembrar das professoras mulheres que foram mencionadas como mais "chatas" na medida em que exigem posturas diferentes dos alunos. No entanto, a professora que assume uma postura de proximidade também é bem vista, neste caso trata-se de um fato social muito além do gênero, um caso em que os adolescentes encontram nos adultos, algo semelhante deles mesmos, e não uma diferença, conforme Calligaris (2000) nos coloca:

[...] Ao interpretar o desejo dos adultos e procurar descobrir qual seria o sonho deles atrás de seus eventuais pedidos de conformidade, os adolescentes depararam com sua própria imagem, o ideal escondido dos adultos eram eles mesmos, os adolescentes (CALLIGARIS, 2000, p.72).

Não queremos fazer um direcionamento às questões de comportamento dos professores, nem julgar atitudes como corretas ou não, no entanto é perceptível que estas resultam na forma com que os alunos vêem seus professores.

Perguntamos aos alunos se eles percebiam diferenças nas cobranças entre professores homens e mulheres, das respostas que obtivemos praticamente todas fizeram argumentações muito próximas de "S" (18 anos):

*"Não, isso depende dos professores, cada um tem um jeito, a maioria deixa tudo pro final do bimestre, aí querem fazer tudo ao mesmo tempo, fica todo mundo preocupado, que vê no final de ano."*

### Considerações finais

Diante de tais argumentações, podemos concluir que os professores são vistos conforme suas posturas frente ao grupo de alunos, que em geral os homens, tenderam, nesta pesquisa, a serem mais amenos nas questões comportamentais na escola, em relação às mulheres. A pesquisa aponta também que, mesmo num ambiente que a sociedade considera feminino (escolar)



os homens são bem vistos pelos alunos adolescentes masculinos, mesmo se considerarmos questões sociais que invadem o ambiente escolar, como o preconceito homofóbico (caso do professor de artes), as questões de estética (caso do professor de matemática), e de relacionamento pessoal mais contestador (no caso de filosofia) todos são mencionados positivamente na questão do fato de serem professores, todos foram narrados de forma positiva, mesmo aqueles que por ventura eram taxados de alguma forma.

Neste cenário vemos com entusiasmo a presença dos homens na escola, e podemos dizer que entre os próprios adolescentes masculinos, de forma consciente, esta presença não acarreta numa diferença muito grande, na medida em que é a condição de postura que eles colocam em xeque; mas de forma inconsciente ao analisarmos os discursos positivos relatados, talvez faça uma diferença significativa, mas essa questão deixaremos em aberto a ser respondida.

O fato é que os adolescentes masculinos vêem positivamente seus professores homens.

## REFERÊNCIAS

- ARCE, Alessandra. **Jardineira, Tia e professorinha**: a realidade dos mitos. 1997, Dissertação (Mestrado) Faculdade de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, 1997.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução Dora Flaksman, 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- ARENDR, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Tradução: BARBOSA, Mauro W. 6. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.
- CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CORNEAU, Guy. **Paternidade e masculinidade**. In: Nolasco. Sócrates (Org). A desconstrução do masculino. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997.
- LOURO, Guacira Lopes, **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- LOURO, Guacira Lopes. **Segredos e mentiras do currículo: sexualidade e gênero nas práticas escolares**. A escola cidadã no Contexto da Globalização (Organização: Luis Heion da Silva). Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999.
- GONZALÈZ REY, Fernando Luis. **Pesquisa qualitativa em psicologia**: caminhos e desafios. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- JULIEN, Philippe. **Abandonarás teu pai e tua mãe**. Tradução: Procópio de Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud Editora, 2000.
- KAMERS, Michele. **Do universal maternal ao singular da função materna, reflexões acerca da educação primordial**. São Paulo: Pulsional revista de Psicanálise, ano XVII. nº180, Dezembro 2004.
- KEHL, Maria Rita. **Sobre ética e psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- NOVAES, Maria Eliana. **Professora Primária, mestra ou tia?** São Paulo: Cortez, 1984.